

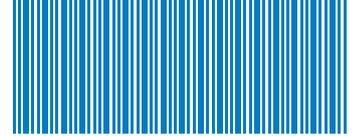
Resenha

Artistas do cotidiano: um portal para a crônica brasileira

Por Ricardo Prado

O Portal da Crônica Brasileira (www.cronicabrasileira.org.br) é dessas iniciativas capazes de agregar um momento de boa prosa na vida de qualquer cidadão digital. Um biscoito fino, aquela pausa para pensar a vida de um jeito diferente, narrado de forma única e magistral, mesmo que vindo ao mundo embrulhada no mais efêmero dos suportes literários, o jornal. Até agora são 2.812 crônicas que integram o portal, artesanalmente esculpidas por um time de autores que, recorrendo à já gasta metáfora futebolística, seria uma “seleção de 70”. Até agora fazem parte do elenco Rubem Braga, Clarice Lispector, Paulo Mendes Campos, Rachel de Queiroz, Otto Lara Resende, Antonio Maria, Ivan Lessa, Jurandir Ferreira e, salve!, o recém-chegado Fernando Sabino.

Todos os autores, passadas as etapas de fixação do texto, revisão e inserção dos metadados, são devidamente apresentados ao internauta pela prosa deliciosa do também cronista Humberto Werneck. Ao apresentar o reforço recente, Fernando Sabino, ele sugere como introdução ao conhecido bom humor do autor duas crônicas canônicas do escritor mineiro (“O homem nu” e “A mulher vestida”), para em seguida lançar um desafio: contar a mesma história para alguém. “Prepare-se para fracassar”, adverte, “pois a graça das histórias contadas por Sabino depende de cada uma das palavras que ele pôs no papel, e do engenho com que as pôs ali. Ou seja: tão ou mais interessante que o enredo é a forma como ele é contado. E disto sabemos todos: quando, num texto, a palavra não é apenas um meio de contar, estamos diante de um objeto de arte”, observa o autor da série “Ao rés do chão”. Ela própria é um interesse à parte para o leitor de crônicas, pois



nela cada autor agregado ao acervo neste primeiro ano de vida do portal recebe um convidativo abre-alas de Werneck, com indicações de leituras costuradas a uma visão da geral obra e alguns detalhes mais mundanos desses artistas – afinal, todo leitor de crônica é, por definição, um curioso da vida alheia. O título da série faz referência ao clássico ensaio “A vida ao rés do chão”, escrito por Antonio Candido como forma de reagir intelectualmente aos críticos desse gênero, muitas vezes tachado de “arte menor” por conta de sua vizinhança perigosa com a banalidade. Mas o tempo cuida de separar o que nasceu para ser efêmero daquilo que permanecerá e será lido e relido com igual encantamento e curiosidade décadas mais tarde, é o que prova a seleção de crônicas do portal.

Atenção pesquisadores: esse site está bem preparado para ajudar na coleta de textos sob enfoques e temas bem específicos. Isso porque há nele um espaço para o usuário, depois de se logar, criar sua própria coleção ou realizar pesquisas a partir de palavras-chave.

Há outros cronistas no aquecimento para entrar nesse *dream team*: Carlinhos Oliveira e Lima Barreto já estão confirmados. “Pensamos também na Elsie Lessa, que já tem o filho no nosso time [*Ivan Lessa*], e o trânsito com a família é fácil. A questão dos direitos autorais não é simples. Precisamos negociar com a família e as editoras dos cronistas, que muitas vezes limitam o número de textos e, em alguns casos, até mesmo negam a inclusão do autor”, explica Elvia Bezerra, Coordenadora de Literatura do Instituto Moreira Salles, patrocinador do portal.

Indagada sobre os autores mais procurados, Elvia aponta, na sequência, Clarice Lispector, Rubem Braga e Rachel de Queiroz. E a crônica mais lida neste primeiro ano de vida, qual seria? Ela não vacila: “O amor acaba”, de Paulo Mendes Campos. Para quem nunca leu essa pequena obra-prima, impregnada de lirismo e melancolia, pode ser um ótimo cartão de boas-vindas a esse tão bem vindo Portal da Crônica Brasileira, que acaba de completar seu primeiro ano de vida. E para aqueles que estão cansados do velho truque de recorrer às mesmas metáforas jornalísticas, melhor ir direto a quem domina essa arte: o mesmo Paulo Mendes Campos, que em “O Botafogo e eu”, também disponível no site, ao comparar a própria vida ao seu time de coração, mostra como se faz futebol-arte em estado de crônica.

